

Marina MAGALHÃES – UnB/NTL

Gramaticalização de verbos posicionais e de movimento em Guajá

Marina Magalhães

UnB/NTL



Universidade de Brasília



Núcleo de Tipologia e Línguas Indígenas

Os Awa (Guajá)



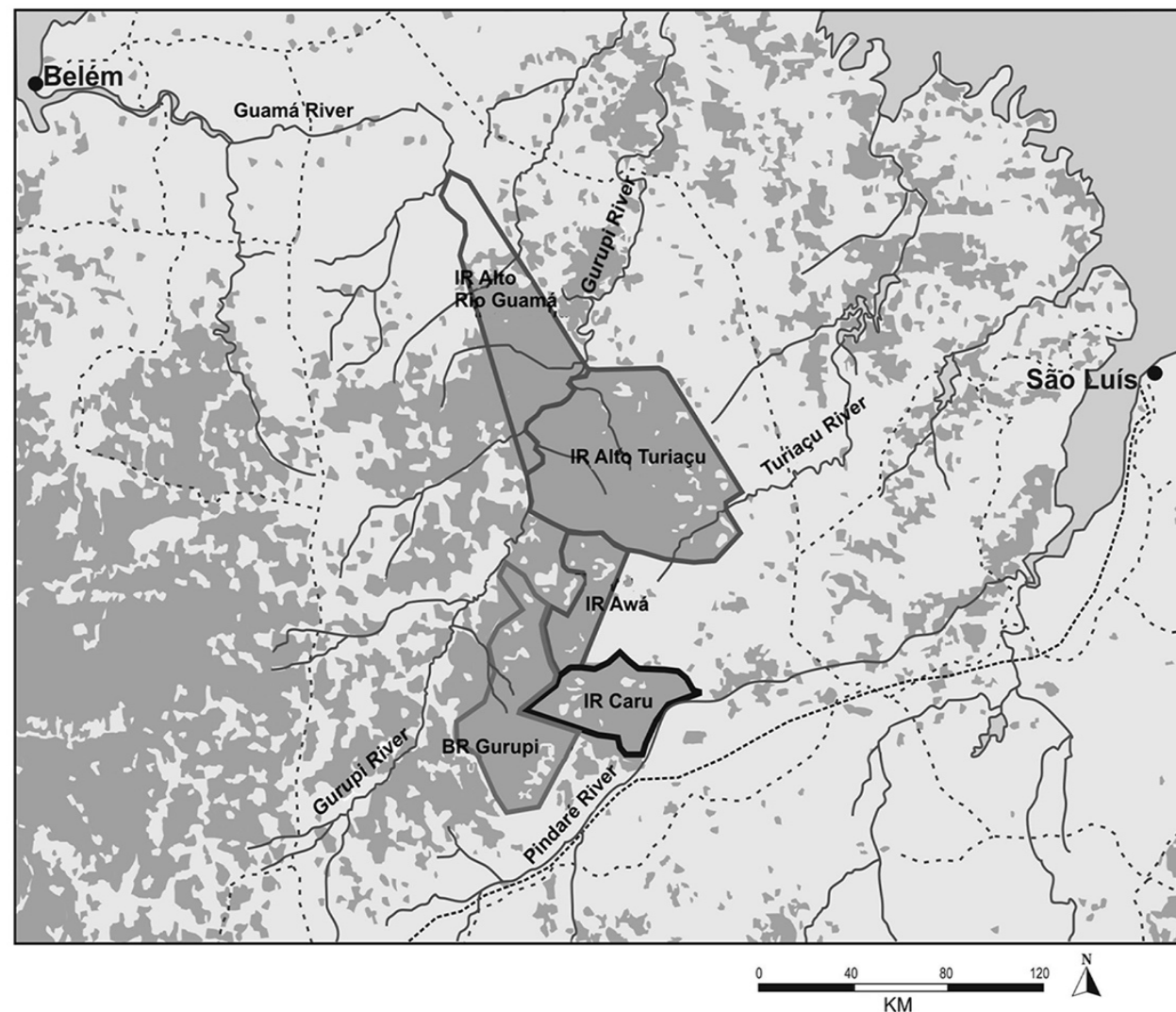
- Povo indígena brasileiro
- São atualmente cerca de 520 pessoas (Garcia e Magalhães, 2021) de contato recente com a sociedade envolvente
- Caçadores e coletores e, em grande parte, monolíngues

Fotos: Marina Magalhães

ABRALIN AO VIVO



- Country Capital
- State Capital
- Units of Federation
- - - Highway
- · - · - Railroad
- Main Rivers
- Vegetation
- Anthropic Area
- ▭ Indian Reserve Caru
- ▭ Indian Reserves (IR)
- ▭ Federal Conservation Unit



03/07/2021

- Eles vivem em quatro aldeias localizadas em 3 TIs no noroeste do estado do Maranhão
- Há grupos que permanecem sem contato, vivendo isolados na floresta
- A língua Guajá pertence ao subgrupo VIII da família Tupi-Guarani (Rodrigues, 1984/85; Cabral, 1996)

Roteiro da apresentação

Nesta apresentação, farei a descrição das:

- 1) partículas direcionais,
- 2) partículas posicionais
- 3) e da partícula de aspecto projetivo

explicitando suas origens por meio de dois diferentes processos de gramaticalização a partir de verbos plenos.

PARTÍCULAS DIRECIONAIS

- Palavras independentes, invariáveis, de conteúdo gramatical e de posição obrigatoriamente posterior ao núcleo do predicado, podendo, no entanto, ser precedidas por outras palavras.
- Em termos semânticos, todas têm teor dêitico e definem a direção do movimento expresso pelo núcleo do predicado verbal, que é sempre um verbo de deslocamento.

aha ‘indo’ – partícula direcional centrífuga

- (1) Ø-**wyhy** tapi'i **aha** are = r-ixak-a
 3.I-correr anta CTF 1PL.II = ADJ-ver-FIN
 ‘A anta **foi correndo** ao nos ver.’

awa ‘vindo’ – partícula direcional centrípeta

- (2) wari-a Ø-**wi** **awa** ira r-ia
 guariba-rfr 3.I -descer CTP árvore ADJ-de
 ‘O guariba **veio descendo** da árvore.’

- Verbo + partícula = evento único

São sete as partículas direcionais do Guajá

Quadro 1. Partículas direcionais e verbos que as originaram.

Verbos	Partículas direcionais	
<i>aho</i> 'ir'	<i>aha</i> CTF	<i>aha</i> PROSP
<i>u</i> 'vir'	<i>awa</i> CTP	
<i>raho</i> 'levar'	<i>raha</i> ~ <i>haraha</i> ⁷ CTF1	
<i>ru</i> 'trazer'	<i>rawa</i> ~ <i>harawa</i> CTP1	
<i>manõ</i> 'fazer ir'	<i>manã</i> CTF2	
<i>mũ</i> 'fazer vir'	<i>mõ</i> CTP2	
<i>kwa</i> 'passar'	<i>kapo</i> ELAT	

Origem das partículas :

- verbos -*aho* 'ir' e -*u* 'vir', que ocorrem de forma independente na língua;
- formas comitativas -*raho* 'levar' e -*ru* 'trazer' e causativas simples -*monõ* 'fazer ir' e -*mũ* 'fazer vir', já lexicalizadas.

Outros exemplos:

raha ~ haraha ‘levando’ – partícula direcional centrífuga comitativa:

(3) Ø-ryhy ka’i haraha

3.I-fazer.correr macaco.prego CTF1

‘Fez (a anta) correr levando (com ela) os macacos.’ (Magalhães, 2007, p. 103)

mõ ‘fazendo vir’ – partícula direcional centrípeta causativa simples:

(4) h-aĩn-a ka’i Ø-ty mõ i-pe

3.II-carço-rfr macaco.prego 3.I-jogar CTP2 3.II-para

‘O macaco-prego jogou o caroço dela (da fruta) (fazendo vir) para ele.’ (Magalhães, 2007, p. 105)

kapo ‘saindo de dentro para fora’ – partícula direcional elativa:

(5) kururuhu Ø-memer-er-a Ø-wehẽ kapo

sapo-boi ADJ-filho-COL-RFR 3.I-sair ELAT

‘Os filhotes do sapo saíram (para fora da água).’ (Magalhães, 2007, p. 106)

PARTÍCULAS POSICIONAIS

- Palavras independentes, invariáveis, de conteúdo gramatical e de posição obrigatoriamente posterior ao núcleo do predicado, podendo, no entanto, ser precedidas por outras palavras.
- Em termos semânticos, expressam a posição ou atitude física em que se encontra o participante do evento.

apo ~ tapo ‘deitado’ – partícula posicional:

(6) a-wa’a ta **tapo** ha=kaha-pe ha=r-awy mehẽ
1SG.I-cair PROJ POS4 1=SG.II=rede-LOC 1.II=ADJ-estar.menstruada quando

‘Eu vou cair (ficando deitada) na minha rede quando estiver menstruada.’ (Magalhães, 2007, p. 108)

kata ‘em movimento pendular’ – partícula posicional:

(7) Ø-wata **kata**
3.i-andar pos5

‘Ele anda mancando (realizando movimento de pêndulo)!’

São sete as partículas posicionais do Guajá

Quadro 2. Partículas posicionais e verbos que as originaram.

Verbos	Partículas posicionais	
<i>iku</i> 'estar em movimento'	<i>ika</i> POS1	<i>ika</i> PROG
*-' <i>am</i> 'estar em pé'	<i>ama</i> POS2	
*-' <i>in</i> 'estar sentado'	<i>ina</i> POS3	
*-' <i>ub</i> 'estar deitado'	<i>apo</i> POS4	
<i>kato</i> 'balançar'	<i>kata</i> POS5	
<i>m-</i> CAUS + *-' <i>in</i> 'estar sentado'	<i>mina</i> POS6	
<i>ruku</i> 'estar em movimento com'	<i>raka</i> ~ <i>haraka</i> POS7	

Origem:

- Verbos *iku* 'estar em movimento', *kato* 'balançar', que expressam atitude física
- Verbos *-'*am* 'estar em pé', *-'*ub* 'estar deitado' e *-'*in* 'estar sentado, que não existem mais no Guajá mas são atestados em outras línguas da família, mais conservadoras, em que há esses verbos posicionais
- A partícula *mina* 'fazendo sentar' corresponde à versão causativa da partícula *ina*
- A partícula *raka* é a versão comitativa da partícula *ika*.

Outros exemplos:

ika ~ tika ‘em movimento’ – partícula posicional:

- (8) a-me’ẽme’ ã tika Ø-pe Ø-wy r-ipi
1sg.i-olhar~red pos1 indet-caminho adj-beira adj-por
‘Eu fiquei olhando (em pé, em movimento) à beira do caminho.’ (Magalhães 2007, p. 107)

ama ~ tama ‘em pé’ – partícula posicional:

- (9) a-pa’ỹ tama
1sg.i-levantar pos2
‘Levantei (ficando em pé).’

ina ~ tina ‘de cócoras / sentado’ – partícula posicional:

- (10) a-jamaka japy tina
1sg.i-ouvir de.novo pos3
‘Eu ouvi de novo (sentado).’ (Magalhães, 2007, p. 108)

PROCESSO DE GRAMATICALIZAÇÃO DOS VERBOS EM PARTÍCULAS

Gramaticalização “[...] consiste no aumento da amplitude de um avanço a partir de um morfema lexical para um morfema gramatical ou de um *status* menos gramatical para um mais gramatical”. Kurylowicz (1965, p. 52, tradução nossa)

As partículas dêiticas direcionais e posicionais são resultado de um processo de gramaticalização de determinados verbos que ocorriam como núcleo de orações adverbiais de finalidade/simultaneidade, que acabaram especializando-se em expressar posição e direção.

Tais orações são reconstruídas para o Proto-Tupi-Guarani (Jensen, 1998) sendo o sufixo subordinador **-abo*, **-ta* e **-a*, encontrado em diversas línguas da FTG, como Tupinambá (Rodrigues, 1953), Kamaiurá (Seki, 2000), Tapirapé (Praça, 2007), Assuriní do Tocantins (Cabral e Rodrigues, 2005), Tembé (Duarte, 2001), entre outras.

O percurso diacrônico atestado em outras línguas da família: Tapirapé

- (11) **a-waem** **rãka** **a-xat-a** **a-xe-amõ-wo**
3.I-chegar PAS.REC 3.III-vir-GER 3.III-REF-molhar-GER
'Ele chegou (vindo) molhado.' (Praça, 2007, p. 207)
- (12) **ã'ẽ=gã-ø** **a-xewyr** **a-a-wo** **confresa-pe**
DEM=SG-RFR 3.I-voltar 3.III-ir-GER Confresa-LOC
'Ela voltou (indo) para Confresa.' (Praça, 2007, p. 207)

Ilustra o processo anterior à gramaticalização pela qual já passou o Guajá: um verbo lexical de movimento recebe morfema subordinador expressando simultaneidade das ações expressas pelos verbos principal e subordinado. Sendo o verbo subordinado um verbo que expressa direção (ir, vir e voltar), ele passa a indicar a direção do movimento expresso pelo verbo principal.

No Guajá, esse verbo subordinado teria se gramaticalizado em partículas direcionais e posicionais, uma vez que não é mais possível analisar a forma gramaticalizada como uma associação da raiz verbal com o sufixo.

Evidências:

a) o sufixo subordinador **-abo*, **-ta* e **-a* é rastreável nas formas fonéticas das partículas: *kapo* e *tapo* vêm de **-abo*; todas as demais terminam em *a*, que é a forma reduzida do sufixo, atestada em diversas línguas, sendo a forma mais antiga do sufixo de finalidade ainda hoje existente no Guajá. Nenhuma termina com a forma *-pa* ~ *-ma*, que é uma variante mais recente desse morfema, a qual chegou ao Guajá provavelmente por meio do contato com falantes do Tenetehara;

b) partículas posicionais como *ama* ~ *tama* ‘em pé’, *apo* ~ *tapo* ‘deitado’ e *ina* ~ *tina* ‘de cócoras/sentado’, provêm das formas subordinadas dos verbos **-'am* ‘estar em pé’, **-ub* ‘estar deitado’ e **-in* ‘estar sentado’, que não existem mais como verbos plenos na língua, mas são atestados em línguas aparentadas mais antigas, por meio de dados registrados há vários séculos, como os da língua Tupinambá;

c) as partículas posicionais conservam um antigo prefixo *t-* que indica a correferência para a primeira pessoa. Essa marca gramatical de correferência não é encontrada em verbos plenos da língua, mas pode ser encontrada, plenamente ativa, por exemplo, em verbos posicionais na língua Tembé. A gramaticalização das partículas posicionais com o referido prefixo de correferencialidade evidencia que esse processo ocorreu em um período em que o prefixo ainda era ativo em verbos plenos da língua.

AVANÇO DA GRAMATICALIZAÇÃO

O uso direcional e posicional das partículas *aha* CTF e *ika* ‘em pé em movimento’ se estendeu para expressar aspecto prospectivo (antecipação de um estado futuro iminente) e progressivo, respectivamente (Souza, 2020).

O uso aspectual dessas partícula pode ser atestado pelos exemplos (13) e (14), quando ocorre associada a verbos que exprimem estado, e não a verbos que exprimem deslocamento:

(13) **a-jkura** **aha** kyry’y
1SG.I-curar PROSP agora
‘Eu estou quase curado agora.’

(14) **jaha** **a-wata** **ka’a** **r-ipi.** **ha = Ø -jamyhỹ** **ika**
eu 1SG.I-andar mata R-por 1SG.II = R-estar.faminto PROG
‘Eu andava pelo mato. Eu estava faminto’ (Magalhães, 2007, p. 107)

AVANÇO DA GRAMATICALIZAÇÃO

Esquema 1 (Souza, 2020):

iku > ika > ika

verbo > partícula posicional > partícula aspectual

‘estar em pé e em movimento’ > ‘em pé e em movimento’ POS1 > progressivo PROG

Esquema 2 (Souza, 2020):

aho > aha > aha

verbo > partícula direcional centrífuga > partícula aspectual

‘ir’ > ‘indo’ CTF > prospectivo PROSP

PARTÍCULA DE ASPECTO PROJETIVO

- A partícula ta(r) expressa aspecto projetivo por indicar a projeção de um evento ou estado a ser realizado ou a existência de uma entidade a ser concretizada (Magalhães, 2007, p. 111).
- É uma palavra independente, é membro de um conjunto de partículas que ocorre em posição intrapredicado.
- Diferenciam-se dos sufixos por ter acento próprio e por permutarem-se entre si. Diferenciam-se também dos advérbios, por ter posição fixa obrigatória pós-núcleo do predicado, além de formar com ele um predicado único, monooracional.
- Ocorre associada a predicados verbais, como em (15), e predicados nominais, como em (16):

(15) a-xa ta
 1SG.I-ver PROJ
 ‘Vou ver.’

(16) ha = r-ipa ta
 1SG.II = ADJ-casa PROJ
 ‘Vai existir a minha casa.’ (Magalhães, 2007, p. 111)

- Verbo + partícula = evento único

Quadro 3. Partícula de aspecto projetivo e verbo que a originou.

Verbo	Partícula aspectual
<i>mata</i> 'querer, desejar'	<i>ta</i> PROJ

Origem:

verbo *mata(r) 'querer/desejar', para o qual se encontram cognatos em outras línguas da família, mas que deixou de existir como verbo lexical pleno no Guajá. A depender do contexto, ainda ocorre em construções verbais mantendo sua forma mais estendida e semântica desiderativa:

(17) a-xa mata
1SG.I-ver PROJ/DES
'Verei/ Quero ver'

PROCESSO DE GRAMATICALIZAÇÃO: mata ‘querer’ → ta PROJ

No caso da gramaticalização do verbo *mata ‘querer/desejar’, que sofreu erosão fonética (o verbo dissilábico tornou-se uma partícula monossilábica) e enfraquecimento semântico, resultando na partícula de aspecto projetivo ta, é possível atestar que a origem dessa partícula provém da possibilidade estrutural que a língua apresenta de permitir que determinadas raízes verbais ocorram como segundo verbo de uma sequência verbal serial (SVC), sem marca morfológica de pessoa ou qualquer marca de subordinação, como ilustrado a seguir:

(18) a-wata kwa
1sg.i-andar saber
‘Eu sei andar.’

(19) a-’u pa
1sg.i-comer terminar
‘Eu terminei de comer.’

PROCESSO DE GRAMATICALIZAÇÃO mata 'querer' → ta PROJ

Assim, considerando-se a possibilidade que a língua tem de apresentar SVCs, é possível analisar que o verbo *mata 'querer/desejar' gramaticalizou-se como marca de aspecto projetivo a partir de uma estrutura serializada em que ocorria como o segundo verbo, com semântica desiderativa, e, no processo de gramaticalização, perdeu a possibilidade de ocorrer sozinho como núcleo de predicado, adquirindo posição fixa pós-verbal e semântica aspectual projetiva, como abaixo:

(20) a-wata ta
1SG.I-andar PROJ
'Eu vou andar.'

(21) a-'u ta
1SG.I-comer PROJ
'Eu vou comer.'

PROCESSO DE GRAMATICALIZAÇÃO: mata ‘querer’ → ta PROJ

A possibilidade de a raiz do verbo lexical ‘querer’ ocorrer em construções similares às SVC é atestada em outras línguas da família Tupí-Guaraní, como em Kamayurá e Tenetehara:

(22) amo-a kwar-er-a rehe we jepe a-ha-**potat**

outro-N sol-PAS-N LOC RETR FRUST 1SG-ir-querer

‘No ano passado eu queria ir [mas não fui].’ (Seki, 2000, p. 96)

(23) a-ha-**putar** ka’a r-upi ihe ri’i

1SG-ir-FUT mata REL-para 1SG CERT

‘Eu vou para a mata com certeza.’ (adaptado de Camargos et al., 2019, p. 834)

PROCESSO DE GRAMATICALIZAÇÃO: mata 'querer' → ta PROJ

Os exemplos das línguas Kamayurá e Tenetehara ilustram fases anteriores do processo de gramaticalização por que já passou a língua Guajá, em que o verbo de tempo futuro no Tenetehara continua existindo paralelamente como verbo lexical.

No Guajá, este verbo deixou de ser usado como verbo lexical pleno e sua raiz tornou-se apenas um elemento com função gramatical, uma partícula. A identificação do verbo lexical pleno em línguas relacionadas permite concluir que tal mudança é relativamente recente na língua.

PROCESSO DE GRAMATICALIZAÇÃO: mata 'querer' → ta PROJ

De acordo com Bybee e Dahl (1989, p. 57) é comum que expressões com um verbo que significa 'desejar', 'movimento em direção a uma meta específica' ou 'obrigação' se transformam em itens gramaticais que expressam intenção e futuro. O Inglês é um exemplo disso.

O processo de gramaticalização no Guajá pode ser ilustrado pelo esquema a seguir (Souza 2020):

Esquema 3:

mata > mata ~ ta > ta

ABRALIN AO VIVO

verbo > partícula aspectual > partícula aspectual

'querer' > desiderativa DES > projetiva PROJ

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em resumo, podemos diferenciar dois processos de gramaticalização diferentes que resultaram nas partículas aqui enfocadas:

- i) a gramaticalização de verbos de movimento e posição em partículas direcionais e posicionais a partir de estruturas subordinadas, marcadas com sufixo de finalidade/simultaneidade; e
- ii) a gramaticalização do verbo 'querer/ desejar' em partícula de aspecto projetivo a partir de uma construção serial verbal.

Com relação ao processo cognitivo responsável pelo desenvolvimento de expressões gramaticais nas línguas do mundo, pesquisas (Bybee et al., 1994; Heine; Kuteva, 2002) sugerem que tais expressões derivam quase sempre de conceitos concretos, e que a morfologia gramatical tende a se desenvolver a partir de estruturas lexicais, especialmente a partir de categorias como nomes e verbos.

As expressões gramaticais de tempo, aspecto e modalidade (TAM), quase que invariavelmente são derivadas de conceitos gerais como locação, movimento, atividade, desejo, postura, relação e posse, noções que tendem a ser expressas linguisticamente por meio de verbos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Muitos autores têm tratado da descrição da natureza dos verbos utilizados nas línguas como fonte de conceitos expressos por auxiliares e chegado a conclusões similares, segundo as quais os verbos que normalmente se gramaticalizam são aqueles que codificam conceitos pertencentes aos quatro domínios (Kuteva, 1995): físico (por exemplo, ser/estar, ir/ vir, ter), temporal (por exemplo, fazer, iniciar/tornar-se, terminar, permanecer), intrassubjetivo (por exemplo, querer) e inter-subjetivo (por exemplo, dever, permitir).

Os dados do Guajá corroboram a hipótese de que a fonte de tais conceitos gramaticais é um número limitado de verbos, pertencentes a domínios específicos, a medida em que as partículas direcionais e posicionais resultam da gramaticalização dos verbos ‘ir’, ‘vir’, ‘estar em movimento’, ‘estar sentado’, ‘estar deitado’, ‘passar’ (domínio físico), e a partícula de aspecto projetivo resulta da gramaticalização do verbo ‘querer’ (domínio intrassubjetivo).

A questão sobre que tipos de verbos tendem a se gramaticalizar em auxiliares parece estar relacionada à generalidade dos conceitos expressos por eles e ao maior escopo de utilização.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar da diferente natureza dos auxiliares das línguas estudadas por Kuteva (1995), o processo de gramaticalização de verbos em partículas direcionais e posicionais e temporal do Guajá nos leva a concluir que os mesmos tipos de verbos que resultam em algumas línguas em auxiliares podem, em outras, resultar em partículas, mas a partir de formas subordinadas desses verbos, isto é, menos finitas.

Um processo similar ocorre com a partícula de aspecto projetivo, que resulta da gramaticalização do segundo verbo de uma construção serial, também caracterizada por ser uma forma menos finita. Givón (1995) refere-se ao surgimento de marcadores auxiliares de TAM a partir de construções seriais como um fenômeno atestado em várias línguas, como Tok Pisin e Supyire.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim, teríamos, nos dois processos de gramaticalização aqui descritos:

No caso das partículas direcionais e posicionais

verbo + complemento não finito → verbo + partícula

No caso da partícula de aspecto projetivo

verbo 1 + verbo 2 → verbo + partícula

A diferença formal entre a gramaticalização de verbos em partículas, e não em auxiliares, está no fato de que as partículas são invariáveis e seu conteúdo gramatical complementa a noção lexical do verbo pleno com o qual ocorrem, sendo este o que recebe as marcas flexionais.

Assim, a análise comparativa das partículas direcionais, posicionais e de aspecto projetivo da língua Guajá com verbos plenos desta mesma língua e de línguas geneticamente relacionadas permite estabelecer o processo dinâmico que as originou.

ABRALIN AO VIVO



Foto: Awás da aldeia Juriti

Referências

BYBEE, Joan; PERKINS, Revere; PAGLIUCA, William. The evolution of grammar: tense, aspect, and modality in the languages of the world. Chicago: University of Chicago Press, 1994.

CABRAL, Ana Suelly A. C. (1996). Algumas evidências linguísticas de parentesco genético do Jo'é com línguas Tupí-Guaraní. *Moara*, revista dos Cursos de Pós-Graduação em Letras, n.4, p. 47-76. Belém: UFPA.

CABRAL, Ana Suelly Arruda Câmara; RODRIGUES, Aryon Dall'Ígna. O desenvolvimento do gerúndio e do subjuntivo em Tupí-Guaraní. In: RODRIGUES, Aryon Dall'Ígna; CABRAL, Ana Suely Arruda Câmara (org.). *Novos estudos sobre línguas indígenas*. Brasília: Editora da UnB, 2005. p. 47-58.

CAMARGOS, Quesler Fagundes; CASTRO, Ricardo Campos; TESCARI NETO, Aquiles. Partículas de Final de Sentença (PFS): uma análise cartográfica por fases sobre o sistema da língua Tenetehára. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, Belém, v. 14, n. 3, p. 827-855, set.-dez. 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1981.81222019000300008>.

DUARTE, Fábio B. Negação e movimento do verbo na língua Tembé. In: Cabral, A. S. A. C. & Rodrigues, A. D. (orgs) *línguas indígenas brasileiras: fonologia, gramática e história*, t. I. Belém: UFPA, 2001. p. 374-384.

GARCIA, Uirá. (2019). *Instituto Socio Ambiental*. Acesso 3 de julho de 2020, disponível em: Povos indígenas no Brasil (Guajá): <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Guajá>.

GIVÓN, Talmy. *Functionalism and grammar*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1995.

HEINE, Bernd; KUTEVA, Tania. *World lexicon of grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

JENSEN, Cheryl. Comparative Tupí-Guaraní Morpho-syntax. In Desmond Derbyshire and Geoffrey Pullum (eds.). *Handbook of Amazonian languages*. Berlin: Mouton de Gruyter. 1998, p. 490-603.

Referências

KURYLOWICZ, Jerzy. Sage Journals, 1965.

MAGALHÃES, Marina M. Sobre a morfologia e a sintaxe na língua Guajá (família Tupí-Guaraní). Tese de doutorado. Brasília: Universidade de Brasília, 2007.

MAGALHÃES, Marina M. A gramaticalização de verbos em partículas na língua Guajá e sua relação com a omnipredicatividade. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas, Belém, v. 14, n. 3, p. 897 - 918, 2019.

PRAÇA, Walkíria Neiva. Morfossintaxe da língua tapirapé (Família Tupí-Guaraní). Tese de doutorado. Brasília: Universidade de Brasília, 2007.

RODRIGUES, Aryon. Relações internas na família linguística Tupí-Guaraní. Revista de Antropologia, São Paulo, v. 27/28, p. 33-53, 1984-1985.

SEKI, Lucy. Gramática do Kamaiurá: língua Tupi-Guarani do Alto Xingu. Campinas: Editora da UNICAMP; São Paulo: Imprensa Oficial, 2000.

SOUZA, Ligiane M. V. Sequencias verbais e gramaticalização de verbos em partículas na língua Guajá.

AOVIVO.ABRALIN.ORG

linguists online